



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LAURENE DA CONCEIÇÃO COSTA OLIVEIRA

**MULHERES DO BABAÇU:
A LUTA POR TERRITÓRIO EM ITAPECURU-MIRIM (MA)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

LAURENE DA CONCEIÇÃO COSTA OLIVEIRA

**MULHERES DO BABAÇU:
A LUTA POR TERRITÓRIO EM ITAPECURU-MIRIM (MA)**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zelinda dos Santo Barros

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

LAURENE DA CONCEIÇÃO COSTA OLIVEIRA

**MULHERES DO BABAÇU:
A LUTA POR TERRITÓRIO EM ITAPECURU-MIRIM (MA)**

Comissão Examinadora da Defesa de TCC

Aprovado em: 16/08/2021

Prof^a. Dr^a. Zelinda dos Santos Barros
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Carla Craice da Silva
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Layla Danielle Pedreira de Carvalho
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB
(Examinadora)

SUMÁRIO

1	Introdução	05
2	Objetivos	07
3	Justificativa	07
4	Referencial teórico	10
5	Metodologia	12
6	Cronograma	13
	Referências	14

1 INTRODUÇÃO

O Maranhão é um dos maiores produtores de coco babaçu, porém, com aprovação de Lei nº 2.979, de 17 de julho de 1969, conhecida como “Lei Sarney de Terras”, houve um incentivo à pecuária sem a preocupação com o meio ambiente, pois as matas de babaçuais foram doadas aos novos pecuaristas. Com a expansão da fronteira agrícola do leste maranhense, principalmente da cultura da soja na região do Baixo Parnaíba, o protagonismo na produção de coco babaçu vem sofrendo mudanças. As áreas dos babaçuais vêm sendo desmatadas por conta da soja e do gado, fazendo com que as quebradeiras sofram ameaças e outras violências durante a coleta das amêndoas.

Os conflitos agrários na região se deram a partir da década de 1980, mas o período em que se intensificaram os conflitos armados foi a década de 1990. Entre os anos de 1990 e 2004, no total, foram aprovadas 14(catorze) leis que dão acesso aos babaçuais, mas a existência deste aparato legal não resultou na diminuição dos conflitos.

A atividade de manejo do babaçu é feita, sobretudo, por mulheres negras e indígenas, oriundas de comunidades tradicionais rurais, com baixa escolaridade. As quebradeiras de coco babaçu do Maranhão, povo tradicional que preserva seus modos de vida há vários séculos, têm travado lutas constantes pelo direito de acesso às terras com os fazendeiros, em sua maioria homens brancos e com alto poder financeiro e político, o que agrava ainda mais a situação.

É difícil fazer pesquisa acadêmica, sobretudo quando o tema tem ligação com a história de vida de quem pesquisa, mas precisamos retribuir às nossas comunidades e aos nossos ancestrais, que muito lutaram para que hoje ocupemos as cadeiras dos cursos universitários. Durante o curso de graduação, pensei muito sobre o que deveria pesquisar. Sempre quis estudar mulheres por conta da minha trajetória de vida, pois tenho duas mães, irmã, primas, sobrinhas, tive duas avós que viveram em áreas rurais, minha avó materna morou por muito tempo em casas de outras pessoas, viveu como nômade, mudava de um lado e outro. No período em que foi quebradeira de coco, fazia sabão e azeite de andiroba, foi com ela que vivi as delícias de ter avó, pois minha avó paterna havia morrido muito jovem e tenho poucas lembranças dela. Somos o que os nossos antepassados foram, sem eles não existiria o nosso passado. Por estes motivos, optei por pesquisar um por pouco

da vivências dessas mulheres quebradeiras, por fazerem parte da minha vida, assim como vovó foi por um período.

Minha avó materna, chamava Maria Clementina, sobreviveu da natureza. Ela gostava de viver no mato, só faltava tirar a roupa e sumir no quintal da última casa em que viveu até quando fez a passagem, tenho muitas lembranças dela quebrando coco debaixo de um pé de jaca, no quintal de casa, socando as amêndoas no pilão. Vovó nunca entrou em conflitos por causa do acesso ao babaçuais, mas afirmo que foi uma, dentre tantas mulheres, que por certo tempo precisou da floresta para alimentar seus filhos e netos. Deste modo, o objeto de pesquisa faz parte da minha trajetória de vida e pesquisar sobre as quebradeiras é, também, narrar a vida de minha avó materna, da minha região, da minha cultura.

Sou a primeira pessoa da minha família que entrou em universidade federal, o que é motivo de orgulho para os meus pais e os meus parentes, pois muitos não chegaram a terminar o ensino fundamental e, por questões socioeconômicas, necessitaram trabalhar muito cedo. Sou neta de uma mulher que quebrou coco babaçu, coletou andiroba, açai, plantou batata, café, sem nunca botar os pés em uma universidade. Na verdade, ela nem sabia do que se tratava, escrevia e lia muito pouco.

O interesse em estudar as quebradeiras de Itapecurum foi motivado por uma questão de proximidade da minha cidade natal, pois tenho parentes que residem no município, e por uma questão de afinidade cultural. Como o Maranhão é diverso, optei por uma cidade com características mais próximas da minha vivência. Além disso, viajar para pesquisar as quebradeiras do Médio Mearim, devido à distância, tornaria mais cara a logística.

Pretendo compreender os fatores que impedem o acesso aos locais da coleta de coco e, neste processo, também observar como ocorrem as relações de gênero no contexto da coleta do coco babaçu, uma vez que as quebradeiras assumem outras identidades oprimidas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os fatores impeditivos do acesso das quebradoras do coco de babaçu aos territórios de coleta e analisar os conflitos territoriais decorrentes na região de Itapecurum, no estado do Maranhão.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconstruir a trajetória de luta coletiva das quebradeiras de babaçu pelo direito ao território;
- Relacionar o legado que as primeiras quebradeiras deixaram para a nova geração;
- Identificar os aspectos sociais, regionais, de gênero, raciais e ambientais implicados na luta diária das mulheres do babaçu para terem acesso a babaçuais;
- Discutir as relações de poder que levam aos conflitos por território na região de Itapecurum, no Maranhão;
- Analisar como o modo de vida tradicional das quebradoras de babaçu é afetado pelos conflitos com os proprietários das terras que abrigam babaçuais.

3 JUSTIFICATIVA

No Maranhão, foi criada a Lei estadual nº 4.734, 18 de junho de 1986, que proíbe a derrubada da palmeira de babaçu, sendo considerado crime ambiental. Até o momento da pesquisa para este pré projeto, não foi encontrada uma lei ampare as quebardeiras de coco da violência física ou outros tipos de violência, salvo leis de violência contra mulher, lesões corporais, etc. A existência destas leis não inibe a truculência de pecuaristas, fazendeiros e posseiros com as mulheres que dependem dessas palmeiras, acentuando os fortes embates entre esses dois grupos, que se arrastam por décadas na região dos cocais, no estado do Maranhão.

A criação do Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB é o resultado da organização dessas mulheres. No entanto, segundo Ferreira (2017, p. 01)

Até pouco tempo o movimento interestadual das quebradeiras de coco – MIQCB, em um âmbito geral e especialmente na região da baixada naranhense discutia e lutava pela criação de uma lei do babacu livre na microrregião, mas chegaram à conclusão que uma lei não basta, é preciso autonomia territorial. Boa parte do Maranhão é compreendida por florestas de babacu, fazendo a atividade do extrativismo do babçu mais praticado do estado e quase que exclusivamente por mulheres.

A luta para ter acesso livre ao babaçu, configura-se como uma guerra por território, pois trata-se de um recurso natural que é explorado de forma agroecológica, não causando danos ao meio ambiente. Os conflitos por território priva as mulheres que sobreviverem do babaçu não apenas do acesso ao coco, mas interferem também no modo de vida. Como ressalta Ferreira (2017, p. 8), “A ameaça ao babacuais compromete a segurança alimentar, territorial e ambiental das famílias, porque das palmeiras até o fruto tudo se aproveita”.

Os locais de coleta das quebradeiras de coco babaçu geralmente estão localizados dentro das propriedades dos produtores agrícolas da região de Itapecuru, marcada por lutas e conflitos territoriais. O maior desafio das quebradeiras é ter respeitado o direito ao acesso às áreas de coleta. Com o avanço do agronegócio, ocorrido no fim da década de 1960 e começo dos anos 1970, a preservação dos babaçuais tornou-se mais difícil para as mulheres que dependem do coco para sobreviver, pois, diferentemente de outros trabalhadores rurais, que precisam da terra para plantar e criar animais, o babaçu nasce livre e, sendo uma palmeira de grande porte, adapta-se às condições climáticas da Amazônia Oriental, necessitando de grande extensão territorial para crescer livre.

O território, para estas mulheres, é o local onde é possível fazer a coleta e o manejo ecológico do coco babaçu e a relação existente entre o manejo do produto e as quebradeiras engloba não apenas a coleta, trata-se de uma questão cultural, uma vez que esta atividade está presente nas cantigas, na gastronomia, nas vestimentas e nos utensílios domésticos. A conservação das palmeiras de babaçu

cria uma relação simbólica com território, já que elas não residem no espaço onde estão localizados os babaçuais de onde extraem os cocos.

Observei que existem muitas pesquisas relacionadas ao coco babaçu que discutem questões como sustentabilidade, uso da matéria-prima, preservação do meio ambiente, luta das quebradeiras (SILVA, NAPOLITANO, BASTOS, 2016; ;BARROS, 2012) porém, não encontrei pesquisas sobre a luta destas mulheres pelo território.

Os conflitos por território que envolvem as quebradeiras são um processo complexo, tendo em vista que a palmeira de babaçu representa para elas uma figura materna, sendo considerada a “mãe palmeira”. Esta dinâmica fortalece a relação palmeira-quebradeira, considerando-se o fato de que as mulheres que sobrevivem do babaçu fazem o manejo das palmeiras e são também as cuidadoras dos babaçuais, dando uma demonstração clara da relação “mãe e filhas”. São cuidadas por ela na mesma proporção em que cuidam para que sobrevivam ao avanço do agronegócio na região.

Diferentemente de outras camponesas, que lutaram e continuam lutando por direito ao um pedaço de terra para poderem plantar, coletarem, criarem animais, as quebradeiras de coco lutam até hoje pelo direito ao extrativismo do babaçu, pelo livre acesso ao coco. Como afirma Andrade(2007, P.447)

Em outro contexto, os camponeses de outras regiões aludem ao tempo da sujeição, ao tempo do cativo, para significar que estiveram sujeitos ao controle do proprietário das terras pagando renda para cultivar. Desejam terra liberta. No caso das quebradeiras, procuravam libertar o coco. Era o recurso vegetal que estava preso, cativo, cercado pelo arame farpado, incendiado, derrubado, morto, extinto, esta ainda hoje, é a luta dessas mulheres.

Sem ter acesso aos babaçuais, o sustento de suas famílias torna-se inviável, pois muitas dessas mulheres são mães que cuidam sozinhas dos filhos, estão desempregadas e são invisíveis para o governo. Sem a principal fonte de sustento, as quebradeiras são as que mais sofrem com os ataques, que vão de ameaças e intimidações dos fazendeiros a homicídios encomendados por posseiros.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre conflitos rurais nas comunidades tradicionais é amplo, mas, neste projeto de pesquisa, inicialmente, partirei da concepção de território das próprias quebradeiras. Segundo Souza (2014, p.40), “mesmo entre os geógrafos, se encontra também aqueles que definem o território, em primeiro lugar, pela ‘consciência’ ou pelo ‘valor’ territorial, no sentido simbólico”.

Ao refletir sobre a coexistência entre identidade e território, percebo que neste contexto estas mulheres resistem para manter sua memória coletiva e ancestral, como mencionando por Mendes (2016, p. 23):

As mulheres quebradeiras de coco não se calam, aceitando essa história e ao longo de mais de vinte anos, tem lutando incessantemente para que seu reconhecimento, enquanto comunidade tradicional vá além do papel, lutando por suas identidades, pela preservação, acesso livre aos babaçuais.

Para elas, assumir a identidade é, também, assumir a responsabilidade de preservação do meio ambiente. São mulheres que fazem o manejo do coco e, como afirma Barros (2012, p. 52), para elas “o território é motivo de uso, porém, racional, visando a manutenção de suas vidas e de seus familiares, não apenas o lucro pelo lucro”. Também existe homem na tarefa de quebrador, mas são minoria.

As quebradeiras são mulheres plurais que, ao se juntarem no manejo do coco, contribuem para a conservação do bioma Mata dos Cocais. Esse modo específico de lidar com o meio ambiente faz com que elas se identifiquem como um coletivo pois, sem coco, sua sobrevivência é comprometida. Os babaçuais são visto não apenas como fonte de renda para suas famílias como também um meio de preservação do meio ambiente e de sua memória coletiva ancestral. Como salientam Silva, Napolitano e Bastos(2016, p.109)

O coco é parte da identidade das quebradeiras, fonte de inspiração de suas lutas diárias de uma cultura rica, que envolve vocabulários, diferentes expressões artísticas e modo de viver próprios.

Neste sentido, perder de acesso aos babaçuais significa a perda de sua identidade coletiva. A luta dessas mulheres é pelo direito de existir como comunidade, de manter a memória coletiva e a própria identidade. Como afirmam Araújo Jr., Dmitruk e Moura (2014, p. 139)

O clima de tensão é majoritariamente com a formação da consciência política pelas trabalhadoras rurais. Ao se identificarem dentro de um grupo (classe, gênero), as quebradeiras de coco passam a lutar contra a centralização fundiária e acumulação incontrolável de riquezas naturais.

Linhares (2016) afirma que mesmo as mulheres com acesso livre ao coco, encontram grande dificuldade na coleta, pois o percurso para buscá-lo é difícil e, por vezes, perigoso. Ayres Jr. (2007) destaca que a cultura da coleta do coco babaçu sempre foi a forma alternativa econômica mais imediata que as famílias tiveram à disposição como meio de sustento e para não se endividarem.

Analisa a trajetória das quebradeiras como coletivo, movimento social, as lutas por leis estaduais e municipais, organização interestadual, projetos agropecuários, trazendo uma reflexão esses conflitos impacta suas vidas socialmente, economicamente, geograficamente.

Não se poder pesquisar a vida das quebradeiras separadas das relações de gêneros e suas relações com outros sujeitos sócias, nesse sentido o foco do projeto busca entender as causas dos conflitos reflete acerca dos conflitos agrários, ambientais, e movimentos sócias no MA.

A visão de territorialidade para pessoas camponesas é diferente das pessoas da zona urbana, como também o significado de terra livre, uma vez que lutam para libertar o coco cativo, dessa forma, perder o coco é perder território, perdendo território se perder a identidade das quebradeiras, a luta também é por manter a história de mulheres que deixaram seus legados de luta, cultura, um protagonismo da memórias de mulheres, Andrade (2007) reflete sobre memórias e conflitos das Quebradeiras.

Definir território não é uma tarefa fácil, visto que, muda de cultura para cultura, a definição de território para cigano, não é a mesma para um indígena.

O conceito de território na maioria das vezes está associando a ideia de apropriação, ocupação, identidade, para as quebradeiras território tem ligação com identidade coletiva, uma vez que coletivo, mas o conceito de território, o significado subjetivo para elas é diferente, não se aplica a um lugar permanente.

Em Borges, Junior (2010 apud. Et AL., Haesbaert, 2004)” destaca ,no domínio das ciências sociais , o conceito de território é associado a uma dimensão de apropriação e/ sentimento de pertencimento.”

Nesse sentido o projeto busca entender o significado subjetivo para as quebradeiras, uma vez que, a palmeira do babaçu faz parte da identidade, território para eles, é um símbolo muito importante para existência do território.

De essa forma a pesquisa pretende entender a o significado de existência, identidade, o que faz sentido do termo para elas.

A cultura de coleta de coco, a luta para preservação dos babaçuais está ligada a simbologia de território, o significado de coletar, quebrar, elas compartilham de um conjunto de elementos que faz a parte da existência de território.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, será realizada em quatro etapas. Inicialmente, será realizada uma pesquisa bibliográfica com o propósito de identificar quais aspectos levaram as quebradeiras a se envolverem em conflitos na região. No segundo momento, será realizado o trabalho de campo, focado na observação do cotidiano e na análise das entrevistas com as próprias quebradeiras de coco de babaçu. Ainda não podemos definir o período pois isto depende das condições climáticas, já que a época das chuvas inviabiliza pesquisas de campo. No decorrer da pesquisa, pretendemos fazer, em média, 10(dez) entrevistas, com o intuito de conhecer mais sobre o passado das mulheres e compreender seu percurso de organização, lutas e resistências ao longo dos anos. Este número pode variar a depender das condições climáticas.

Como já mencionei, a escolha do local se deve à questões de afinidade cultural e logística, pois seria mais difícil a locomoção para outras região de babaçuais, além do custo com hospedagem e outros gastos. Com o auxílio das redes sociais, o acesso às mulhres quebradeiras de coco foi facilitado. Como já conheço a cidade, não seria tão difícil chegar ao local de pesquisa, mas podem ocorrer condições adversas. Antes de ir ao campo, pretendo verificar o dia e horário favoráveis para elas serem entrevistadas, assim como ficarei disponível na sede do Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB, localizado em

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela de Paula. **Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, 2007. p. 445-451.

ARAÚJO JR., Miguel Etenger de; DMITRUK, Erika Julina; MOURA, João Carlos da Cunha. **A lei do babaçu livre: uma estratégia para regulação e proteção da atividade das quebradeiras de coco no estado do Maranhão.** *Sequencia*, Florianópolis, n.68, 2014. p.129-157.

AYRES JÚNIOR, Jose Costa. **Organização de coco babaçú e a referencialização de um espaço regional na microrregião do Médio Mearim Maranhense.** Florianópolis. 2007. 176 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Urbano) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2007.

BARROS, Valderiza: **Mulheres rompendo o teto de cristal no território dos babaçuais.** São Luis. 2012. 100f: Dissertação(Mestrado em Desenvolvimento Sócioespacial e Regional e Regional). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Maranhão. São Luis, MA, 2012.

BORGES, João Carlos de Freitas; CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes: **Territorio , Identidades e Memórias: Tramas Conceituais para a Piauiensidade.** X Simposio de Produção Científica e IX Seminario de Iniciação Científica e IX seminario de Iniciação Científica . Teresina/ PI. Anais. 2010, 10 P.

FERREIRA, Julia Leticia: **Do babaçu livre ao territorio livre: a luta das quebredieras de coco babaçu da baixada marenhense.** **Simposio Internacional de Geografia Agraria.** Curitiba/PR, 2017. 11p.

LINHARES, Anny da Silva. **Quebradeiras de coco babaçú no Médio Mearim, estado do Maranhão: (re) construindo identidades e protagonizando suas identidades em defesa dos patrimônios coletivos.** Belém, 2016. 289 p. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) - Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Belém, PA. 2016.

MENDES, Ana Carolina Magalhães. **Reflexões e contribuições para uma etnografia das práticas cotidianas de resistência das quebradeiras de coco babaçú de Codó.** São Luis, 2016. 73.f. Dissertação(Mestrado Stricto Sensu em ciências políticas) . Centro de Ciencias Sociais Aplicadas e Politicas da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão. São Luis, MA. 2016.

SILVA, Elisa Marie Sette; NAPOLITANO, Juliana; BASTOS, Elisa Silva (Org.). **Pequenos Projetos Ecosociais de Quebradeiras de Coco Babaçu: reflexões e aprendizagem.** Brasília/DF: ISPN, 2016, 116 p.

SOUZA, Valtey Martins de. **Dinâmicas territoriais e as quebradeiras de coco babaçú no município de São Domingos do Araguaia-Pará.** Marabá. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia). Programa de pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade Amazônicas, Universidade Federal do sul e sudeste do Pará. Marabá, PA. 2014.